



REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

O Uso do Véu
na Igreja de Corinto

Pág. 5

A Primeira Sessão Mundial
Adventista na Europa

Pág. 12

O PERIGO DE REJEITAR A VERDADE

por Ellen G. White

Depois do derramamento do Espírito Santo, os discípulos, vestidos da armadura divina, saíram como testemunhas, para contar a maravilhosa história da manjedoura e da cruz. Eram homens humildes, mas saíram com a verdade. Após a morte de seu Senhor eram um grupo indefeso, desapontado e desanimado — como ovelhas sem pastor; mas agora saem como testemunhas da verdade, sem outra arma senão a Palavra e o Espírito de Deus para triunfar sobre toda a oposição.

Seu Salvador fora rejeitado e condenado, e pregado na ignominiosa cruz. Os sacerdotes judeus e príncipes haviam declarado com escárnio: «Salvou os outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se. Se é o rei de Israel, desça agora da cruz, e creemos n'Ele.» Mas essa cruz, esse instrumento de vergonha e tortura, trouxe esperança e salvação ao mundo. A igreja reuniu-se; seu desespero e consciente inutilidade os abandonara. Seu carácter fora transformado e eles se uniram pelos laços do amor cristão. Embora não tivessem riquezas, embora fossem contados pelo mundo como meros pecadores ignorantes, foram feitos pelo Espírito Santo testemunhas de Cristo. Sem honras ou reconhecimento terrenos, eram os heróis da fé. De seus lábios saíram palavras de eloquência e poder divino que abalaram o mundo.

O terceiro, quarto e quinto capítulos de Actos dão um relato do seu testemunho. Os que rejeitaram e crucificaram o Salvador esperavam ver os discípulos desanimados, abatidos e prontos para negar a Seu Senhor. Com espanto ouviram o testemunho claro e ousado, dado sob o poder do Espírito Santo. As palavras e obras dos discípulos representaram as palavras e

obras de seu Mestre; e todos os que ouviam diziam: Estes aprenderam de Jesus. Eles falam como Ele falava. «E os apóstolos davam com grande poder testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça» ...

De tempos a tempos o Espírito Santo revelará a verdade por meio de Seus instrumentos escolhidos; e nenhum homem, nem mesmo um sacerdote ou autoridade, tem o direito de dizer: Não dareis publicidade às vossas opiniões, porque não creio nelas. O maravilhoso «eu» pode tentar derribar os ensinamentos do Espírito Santo. Por algum tempo podem os homens tentar sufocá-los e matá-los; mas isso não tornará o erro verdade nem a verdade erro. A mente inventiva dos homens tem adiantado opiniões especulativas em vários sentidos, e quando o Espírito Santo deixa a luz brilhar no espírito humano, não respeita todos os pontos da aplicação do homem à Palavra. Deus impressionou a Seus servos para dizerem a verdade sem tomarem em consideração o que os homens supunham ser a verdade.

Mesmo os adventistas do sétimo dia correm o perigo de fechar os olhos à verdade conforme ela é em Jesus, porque contradiz algo que eles supunham ser a verdade, mas que o Espírito Santo ensina não ser. Sejamos todos bem modestos, e procuremos com o maior fervor pôr o eu fora de questão, e exaltar a Jesus. *Na maior parte das controvérsias religiosas o fundamento da dificuldade é que o eu se esforça pela supremacia. Acerca de quê? — Acerca de questões que não são absolutamente pontos vitais, e que apenas assim são considerados porque os homens lhes têm dado importância. — Testemunhos para Ministros, págs. 66-71.*

SUMÁRIO

A Actual Sociedade Permissiva e a Igreja

«Sabe porém isto...»

O Uso do Véu na Igreja de Corinto

A Primeira Sessão Mundial Adventista na Europa

Através do Mundo Adventista

A História do Mês

Notícias do Campo

Breves Notícias da Divisão Euro-africana

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

MAIO DE 1974

ANO XXXV

N.º 332

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

Composto e impresso na

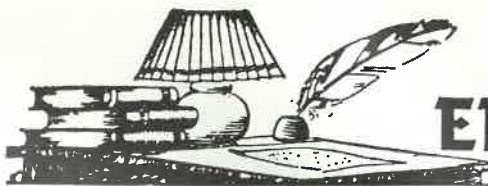
TIP. ANTUNES & AMÍLCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

A Actual Sociedade Permissiva e a Igreja

A sociedade dos nossos dias é com frequência designada como sendo uma sociedade permissiva.

Essa permissividade observa-se em todos os sectores da vida.

No seio da família, deixa-se que as crianças e jovens cresçam sem a devida disciplina, contemplem os programas de televisão e cinema que desejem, leiam as revistas e livros que lhes apeteça, andem com os companheiros que preferirem.

Na escola, os professores abdicam da sua função educativa e deixam passar sem reparo manifestações flagrantes de indisciplina.

Nas relações entre os sexos, permitem-se liberdades em público que até há pouco teriam sido objecto da censura dos transeuntes; admitem-se como normais perversões que no passado teriam sido severamente castigadas.

A sociedade de hoje pouco se preocupa com a maneira como os conjugues procedem, não se escandalizando com a quebra dos laços matrimoniais — quer se trate de simples manifestações de amor platónico quer se atinjam as últimas consequências da infidelidade.

O erotismo campeia no cinema, na televisão, na literatura, no próprio ar que se respira, sem que se levantem vozes de protesto.

O carácter sagrado da vida é desrespeitado a ponto de se defender o aborto em circunstâncias manifestamente homicidas.

No comércio recorre-se a processos que, prejudicando o consumidor, se aceitam como perfeitamente normais.

Assiste-se, dia a dia, ao aumento dos preços de bens e serviços, sem que se possa descobrir a razão exacta da percentagem em causa, sempre resignados a aceitar todas as imposições.

Instituições centenárias vêm abalado o seu prestígio, permitindo hoje aos seus membros

atitudes inconcebíveis ainda há pouco.

As próprias religiões populares deixaram de ter sobre os seus adeptos a influência que por tantos séculos era reconhecida como inabalável.

Nesta sociedade em que tudo se permite, e em que nos encontramos integrados, qual a posição da Igreja Adventista?

Tem a Igreja o direito de se adaptar à corrente geral?

Se a origem da moral reside no próprio homem, quer a chamemos existencial, ambiental ou ecológica, ou com qualquer outro nome exprimindo a mesma ideia, então o homem tem o direito de permitir o afrouzamento das respectivas normas. Noutros termos, a permissividade de que nos vimos ocupando é legítima.

Mas se a moral tem uma origem transcendente, e se baseia na vontade de Deus expressa na Sua Santa Palavra, então o homem não tem o direito de permitir o que Deus não permite.

A permissividade de hoje é apenas um aspecto do estado de rebelião em que se encontra o mundo perante o governo de Deus. E à medida que o multissecular conflito entre Satanás e Cristo se aproxima do seu clímax, mais essa permissividade se manifesta.

Como povo remanescente de Deus, com uma missão específica a cumprir neste período crepuscular da história da terra, cumpre que nós, como Igreja Adventista, nos levantemos em defesa dos sagrados princípios do governo de Deus, e não permitamos o que Deus nos não autoriza a permitir.

Não permitamos, pois, que penetrem e se desenvolvam na nossa Igreja a filosofia da vida, as atitudes e costumes e hábitos que, sacudindo a soberania de Deus, prevalecem hoje neste planeta em revolta.

E. Ferreira

«SABE PORÉM ISTO...»

por Eduardo F. Graça

Vivemos actualmente uma crise sem precedentes na história da humanidade. Isto é um facto constatado e falado.

Porém a pior coisa que pode acontecer a alguém, é o acomodar-se às circunstâncias sem procurar tirar delas os ensinamentos e as conclusões que elas proporcionam, impedindo-se assim de se tornarem conscientes perante as realidades presentes e, preparados diante das eventualidades futuras.

Típica deste género de atitude acomodatória é a de uma pessoa amiga com quem tenho trocado impressões sobre a actual conjuntura mundial e que, em conversas várias dizia não ter dúvida sobre o facto de que esta crise actual era, segundo tudo fazia prever, um indício do fim próximo, e que, numa recente conversa, já dizia que isto são fenómenos de ajustamento; que é um facto o aumento do custo de vida, mas que os salários igualmente irão subir e que, em breve, tudo se estabilizará de modo que não há que recear o futuro, porque tudo se normalizará. É, em resumo, um fenómeno determinado apenas pelo crescimento.

E, ao ouvi-lo eu pensava em como Satanás é astuto e hábil em levar as pessoas a minimizar os problemas enredando-as e adormecendo-as a fim de não compreenderem aquilo que é realmente essencial!

Nestes dias em que o custo de vida tem tido um aumento impressionante e em que a inflação não pára de subir, antes se multiplica assustadoramente, tem-me vindo à memória com insistência um texto que retrata fielmente a vida e o mundo de hoje:

«Sabe porém isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos» (1).

Esses tempos trabalhosos que víamos sempre com a aparência de perseguições movidas aos crentes, aparecem-nos numa realidade e por uma via bem diferente, quer na sua origem, quer na sua efectivação.

Não quero dizer com isto que nos últimos dias, não será exercida acção perseguidora para com o povo de Deus; mas sim que não será apenas quando esse tempo chegar, que haverá tempos trabalhosos. Estes virão sim nos últimos dias; e não necessariamente apenas sob a forma de perseguição.

Esses tempos trabalhosos, são-no em todos os sectores da vida. Desde o plano

individual, passando pelo familiar e pelo nacional, até ao internacional.

No plano individual, são sensíveis cada vez que temos de fazer uma escolha. Era isto que Guido Galogero em 1953 nos Encontros Internacionais de Genebra chamava «as angústias da opção». Dizia ele na sua comunicação:

«Tenho algumas escolhas importantes a fazer: é essa a minha tarefa e a minha responsabilidade. Mas elas são difíceis, mantenho-me na incerteza e isso atormenta-me: provém daí a minha angústia. Tenho de escolher entre o meu interesse pessoal e o interesse dos meus amigos; entre uma carreira e outra; entre uma mulher e um amigo; entre um automóvel com volante à esquerda e outro que o tem à direita; entre a adesão a um manifesto e a sua recusa; entre o hábito de responder às cartas não me restando tempo para trabalhar nos meus livros e o de não responder o que me faz sentir egoísta ...

Toda a minha vida consiste numa sucessão de decisões, numa sucessão de opções, mais ou menos frívolas ou importantes, mas que muitas vezes nos atormentam o espírito e nos fazem desejar ardentemente que outros possam escolher por nós, libertando-nos dessa angústia» (2).

Aliás os tempos trabalhosos para o indivíduo têm aspectos diversos, pois que eles aparecem em todo o tipo de relações sociais em que há que manter pontos de vista culturais, morais, espirituais, ou quaisquer outros, perante amigos, colegas, superiores, subordinados, etc., num tempo como o de hoje em que os princípios são constantemente atacados, bem como aqueles que se lhes mantêm fiéis, acusados de reacionismo ou de qualquer outra coisa semelhante.

No plano familiar, os tempos trabalhosos são visíveis quando a dona de casa vai ao mercado comprar algo por um preço e na semana imediata (quando não no dia seguinte) por um preço superior o que arrasta consigo uma série de problemas económicos visto esse galopante aumento do custo de vida, desorganizar o orçamento doméstico impedindo a concretização de ideais há muito acalentados; visíveis ainda sob o ponto de vista moral, visto que a imoralidade está derrubando todas as barreiras, dissolvendo os laços familiares, corroendo

o respeito mútuo, bases únicas de uma sociedade estável e respeitadora de princípios e liberdades honestas.

No plano nacional, os governos têm de resolver problemas após problemas, crises após crises, sejam políticas, tais como revoltas, manifestações de terrorismo, nacionalismos exagerados e tantas outras, sejam económicas, fazendo face ao seu desenvolvimento, lutando contra a inflação que mina as bases do poderio e desenvolvimento económico de qualquer país.

Numa recente entrevista que o actual ministro das finanças do Japão concedeu a uma revista Norte Americana de grande circulação mundial, aquele membro do governo nipónico afirmou que, para 1974, se prevê um deficit na balança de pagamentos do seu país, na ordem dos 8 mil milhões de dólares (3).

Há pouco tempo atrás, um economista japonês professor da Universidade de Wadessa em Tóquio, escreveu:

«O Japão terá de adquirir em 1980, só por si, mais de metade dos recursos exportáveis, dos restantes estados do mundo, o que é impossível... A conclusão lógica é de que para o Japão, a catástrofe económica se torna inevitável» (4).

Finalmente, esses tempos trabalhosos fazem-se igualmente sentir no plano internacional em que as relações entre os países são tensas, por vezes, não muito fáceis quase sempre.

Porém, perguntamo-nos porque são estes tempos trabalhosos.

A resposta encontramos-la nos versos seguintes do texto atrás mencionado:

«... porque haverá
homens amantes de si mesmos,
avarentos,
presunçosos,
soberbos,
blasfemos,
desobedientes a pais e mães,
ingratos,
profanos,
sem afecto natural,
irreconciliáveis,
caluniadores,
incontinentes,
cruéis,
sem amor para com os bons,
traidores,
obstinados,
orgulhosos,
mais amigos dos deleites do que
amigos de Deus,
tendo aparência de piedade, mas
negando a eficácia dela» (5).

Nesta longa lista, há um denominador comum — o egoísmo.

Cada um dos elementos mencionados, é uma manifestação diferente do egoísmo.

Egoísmo esse que se manifesta desde os indivíduos, às entidades colectivas.

Três exemplos tirados da actual crise petrolífera que tem servido, a par dos problemas criados, para que grandes empresas do ramo, estejam a tirar proveito imediato na forma de lucros fabulosos.

Foi descoberto por um senador norte-americano, que as declarações das companhias petrolíferas norte-americanas, no que respeita às quantidades de ramos de petróleo entradas no país, eram inferiores em 24 milhões de barris às que indicavam os registos oficiais das alfândegas, só em Novembro de 1973.

Ao mesmo tempo na Itália sabe-se que foram subornados alguns funcionários para falsearem as declarações das reservas petrolíferas do país, a fim de darem uma falsa imagem de carências de combustível.

Finalmente a maior companhia petrolífera norte-americana, anunciou que em 1973, o seu volume de negócios aumentou 27,2 %, enquanto os lucros subiram 59 %.

«Sobrevirão tempos trabalhosos, porque haverá homens amantes de si mesmos».

Porém, a ênfase principal do texto que atrás referi, (II Tim. 3:1) não está nas palavras que, como acabamos de ver retratam a situação actual do mundo, mas sim nas que iniciam a declaração e que dizem:

«... nos últimos dias...»

É aqui que está o ponto fulcral. Não nos acontecimentos em si, mas naquilo que eles representam no contexto da profecia. Estas serão as condições dos últimos dias. Essas condições estamos nós a vivê-las.

Já Jesus dissera falando dos últimos dias:

«Haverá... na Terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo» (6).

Todos estes acontecimentos têm trazido angústia e perplexidade ao Mundo.

Este, vive em ambiente de pânico quase generalizado. O terror, sob as mais diversas formas tem estado a instalar-se progressivamente no Mundo.

São postos perante a humanidade, vários espectros que se tornam em outros tantos motivos de terror.

É o espectro da guerra que em qualquer lugar do mundo está sempre activo! É o espectro da fome que ameaça a humanidade

(Continua na pág. 22)

O USO DO VÉU NA IGREJA DE CORINTO

por Ernesto Ferreira

No primeiro século da era cristã, Corinto era uma grande cidade cosmopolita.

Capital da província proconsular da Acaia desde 27 a. C., Corinto, situada a dois quilómetros e meio ao sul do istmo do mesmo nome, encontrava-se numa posição altamente estratégica sob os pontos de vista cultural e mercantil — estabelecendo, por um lado, a ligação entre a Grécia Central e o Peloponeso e, por outro, entre o Ocidente, pelo Mar Jónio, e o Oriente, pelo Mar Egeu.

Além de uma multidão de gregos e romanos, residentes e forasteiros, havia em Corinto uma numerosa colónia judaica, agora acrescida pelos judeus vindos de Roma, após a expulsão de que foram vítimas por parte do imperador Cláudio (1).

A prosperidade, o luxo e o cosmopolitismo haviam favorecido de uma maneira extraordinária a licença dos costumes em Corinto.

Afrodite, a deusa do amor, era a grande divindade da urbe. Na Acrocorinto, fortaleza que se elevava a 564 metros acima da cidade, fora-lhe dedicado um sumptuoso templo. Estrabão, referindo-se a ele, diz que era tão rico que possuía, a título de hieródulas ou escravas sagradas, mais de mil cortesãs votadas ao culto da deusa — ou seja, à prostituição sagrada — por doadores de ambos os sexos (2).

Corinto era a cidade das cortesãs. Ao passo que em toda a Grécia as esposas, confinadas aos seus lares, eram mantidas em perpétua submissão a seus maridos, as cortesãs (ou hetairas, palavras que significa simplesmente «amiga»), instruídas em escolas especiais em que adquiriam por vezes a mais alta cultura literária e filosófica e o mais refinado bom gosto, emancipadas da tradicional tutela masculina, associavam-se livremente com os homens, oferecendo-lhes os gozos intelectuais de que os gregos eram tão ávidos e participando em todos os seus divertimentos. Dentre as cortesãs de Corinto, a mais célebre foi sem dúvida Lais, a cuja memória foram levantados mo-

numentos, não só aqui em também na Tessália (1).

A licenciosidade de Corinto era já proverbial desde os tempos da Grécia clássica. Quando, por exemplo, Aristófanes se refere a esta cidade associa-a sempre aos hábitos imorais dos seus habitantes (2).

Os dicionários registam os vocábulos *korinthianízomai* e *korinthiastés*, traduzidos, respectivamente, por Bailly: «Viver, como os coríntios, na devassidão» e «o homem de costumes coríntios, isto é, o devasso» (3).

A Comunidade Cristã de Corinto

A esta cidade chegou o apóstolo Paulo em 51, no decurso da sua segunda viagem missionária.

Os seus primeiros contactos, como de costume, foram com os judeus. Desde logo se associou com Áquila, como ele fabricante de tendas, e com Priscila, sua esposa.

Todos os Sábados disputava na sinagoga, «testificando aos judeus que Jesus era o Cristo» (Act. 18:5), até que, «resistindo e blasfemando eles, sacudiu os vestidos, e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo, e desde agora parto para os gentios» (vers. 6). No entanto, alguns judeus aceitaram o Evangelho, entre os quais Crispo, «principal da sinagoga» (vers. 8).

Os coríntios foram particularmente receptivos à pregação do apóstolo. A seu respeito dissera o Senhor, em visão, a Paulo: «Não temas, mas fala e não te cales; porque Eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade» (vers. 9, 10).

E, com efeito, «muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram baptizados» (vers. 8).

Ali permaneceu um ano e meio, ensinando entre eles a palavra de Deus. Durante

(1) Pausânias, *Periégesi*, Liv. II, 4.

(2) Aristófanes, *Lisistrata*, 90-92; *Tesmoforiozusas* (Festas de Ceres), 647, 648; *As Nuvens*, 709-715.

(3) M. A. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*: «Vivre, comme les Corinthiens, dans la débauche»; «L'homme aux mœurs corinthiennes, c. à d. le Débauché».

(1) Act. 18:21; Suetónio, *Cláudio*, 25.

(2) Estrabão, *Geografia*, Liv. VIII, 20.

esse tempo escreveu as duas epístolas aos Tessalonicenses e organizou uma activa igreja cristã.

Finalmente, foi acusado como sedicioso pelos judeus perante o procônsul Junius Annaeus Gallio. Mais sensato do que Pilatos, Gálio, irmão do filósofo Séneca, não se deixou intimidar pelos acusadores, e «expulsou-os do tribunal» (vers. 16).

Entretanto, Paulo deu por concluída, por agora, a sua missão na Acaia e apressou-se em regressar a Antioquia, seu ponto de partida.

Pouco depois, empreendeu uma terceira saída missionária. No decurso desta viagem, encontrando-se em Éfeso, onde permaneceu cerca de dois anos (Act. 19:10), chegou ao seu conhecimento, quer por meio de correspondência recebida (1 Cor. 7:1), quer por intermédio da família de Cloé (1:11), que nem tudo ia bem em Corinto.

Alguns membros da igreja haviam noutro tempo sido «devassos, idólatras, adúlteros, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes» (1 Cor. 6:10). Era de esperar que agora, depois de terem conhecido a Cristo, estivessem completamente transformados. Mas, infelizmente, assim não sucedia.

A licenciosidade de Corinto havia feito irrupção no seio da igreja. Num caso, «ouve-se que há ... fornicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai» (5:1). Noutros casos, a santidade do matrimónio não era respeitada, e havia quem se prostituísse.

Nem sempre se observava o necessário cuidado na associação com idólatras, sobretudo em relação com o comer carnes que tinham sido sacrificadas aos ídolos, havendo quem fosse visto «sentado à mesa no templo dos ídolos» (8:10).

Por outro lado, a igreja estava dividida em partidos, sendo uns a favor de Paulo, outros de Pedro, outros de Apolo. Um espírito de contenda prevalecia entre os crentes. Para derimir litígios entre membros chegou-se a recorrer a árbitros pagãos. As dissensões desenvolveram-se a tal ponto que chegaram a introduzir-se na própria celebração da Ceia do Senhor.

Além disso, observava-se grande desordem na celebração dos cultos. As irmãs, em vez de manifestarem recatada submissão, contagiadas pelo espírito de independência da mulher coríntia, apresentavam-se sem véu e pretendiam tomar a palavra em público. No próprio exercício dos dons carismáticos, como o da profecia e o da glossolalia, observava-se por vezes uma tal confusão que se nessa altura entrassem

«indoutos ou infiéis» diriam sem dúvida que estavam «loucos» (14:23).

Finalmente, parecia ainda haver dúvidas quanto à ressurreição, facto que, desconhecido das religiões pagãs, era para o crente tão essencial que, a não ocorrer, «os que dormiram em Cristo estão perdidos» e «somos os mais miseráveis de todos os homens» (15:1, 19).

Foi precisamente para responder às perguntas feitas e obviar aos abusos introduzidos que o apóstolo Paulo escreveu, nas vésperas da sua partida de Éfeso, na Primavera do ano 57, a primeira epístola aos Coríntios.

O véu feminino nas sociedades hebraica e grega

Para compreendermos as implicações da referência do apóstolo Paulo ao uso do véu pelas senhoras, parece oportuna uma breve menção do que se passava a este respeito nas sociedades hebraica e grega, e dizemos sociedades hebraica e grega porque na igreja de Corinto havia tanto cristãs vindas directamente do judaísmo como de directa procedência gentilica.

Entre os hebreus, a situação da mulher em relação ao homem pode resumir-se numa palavra — submissão.

Enquanto solteira, experimentava, pesadamente, por parte do pai, o jugo da *patria potestas*.

Eis como J. Jeremias descreve a sua situação: «Até à idade de doze anos e meio, uma jovem não tem o direito de recusar o casamento decidido por seu pai. Este pode mesmo casá-la com uma pessoa disforme (b. *Ket.*, 40 b). Mais, o pai pode até vender a sua filha como escrava (*Mek.* Ex. 21:7; cf. *Sota*, III, 8), apenas até à idade de doze anos. Só a filha maior (a partir dos doze anos e meio) é autónoma; os seus esponsais não podem ser decididos sem o seu consentimento (b. *Qid.*, 2b, 79a). Todavia, mesmo se a jovem é maior, a soma para o casamento, que o noivo deve pagar no momento dos esponsais, pertence ao pai (b. *Ket.*, 46b; b. *Qid.*, 3b)» (1).

Depois de casada, a mulher era obrigada a obedecer ao seu marido como senhor, e esta obediência era um dever sagrado.

(1) Joachim Jeremias, *Jérusalem au Temps de Jésus*, traduit de l'allemand par Jean Le Moyne, Paris, Les Éditions du Cerf, 1967. Appendice — La Situation Sociale de la Femme, pág. 477.

Ela «chamava o seu marido *ba'al*, dono; chamava-o também *'adôn*, senhor (Gén. 18:12; Juizes 19:26; Amós 4:1), isto é, dava-lhe os títulos que um escravo dava ao seu dono, um súbdito ao seu rei» (1).

O lugar próprio para a mulher era a casa. Escreve Filon: «Mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, reuniões de grandes multidões de homens, em suma, toda a vida pública com as suas discussões e os seus negócios, em tempo de paz e de guerra, é destinada aos homens. Compete às mulheres ficar em casa e viver retiradas. As donzelas devem manter-se em apartamentos recuados, fixando-se como limite a porta de comunicação [com os apartamentos dos homens]; e as mulheres casadas, como limite, a porta do pátio» (2).

Segundo Josefo, no templo as mulheres não podiam penetrar senão no pátio dos gentios e no das mulheres (3).

Nas sinagogas, havia um lugar a elas desligado (4).

No Serviço litúrgico, a mulher estava ali apenas para ouvir. O ensino era-lhe interdito (5).

Resumindo a situação da mulher na sociedade hebraica, escreve Josefo: «Diz a Escritura: 'A mulher é inferior ao marido em todas coisas'. Que ela, portanto, lhe seja obediente; não de maneira que ele abuse dela, mas que ela possa reconhecer o seu dever para com o seu marido; porque Deus deu a autoridade ao marido» (6).

O véu, entre as judias, embora nem sempre usado, sobretudo na corte e nos trabalhos do campo, e embora por vezes usado como disfarce para realçar a beleza (p. ex., em Cantares de Salomão 4:3; 6:7, margem), era precisamente o símbolo desta submissão.

Na época patriarcal, temos um exemplo típico. Ao chegar à terra onde habitava Isaac, Rebeca, acompanhada do servo de Abraão que a fora pedir em casamento a Betuel, levantando os olhos, viu o seu noivo e perguntou ao servo: «Quem é aquele varão que vem pelo campo ao nosso encontro? E o servo disse: Este é o meu senhor. En-

tao tomou ela o véu e cobriu-se.» Gén. 24:64, 65.

No período neo-testamentário, quando saía de casa a mulher tinha a cabeça e o rosto cobertos, de maneira que não se podiam reconhecer os seus traços. Caso contrário, segundo o Talmud, «o marido tinha o direito, mais do que isso, o dever de a repudiar (Tos. *Sota*, V, 9), sem ser obrigado a pagar a soma que, em caso de divórcio, voltava à esposa em virtude do contrato do casamento (*Ket.*, VII, 6)» (1).

É pois com razão que A. R. Fausset sugere a probabilidade de uma relação entre os termos hebraicos *Radad*, que significa submissão, e *Radid*, que significa véu (2).

O que acaba de ser mencionado acerca da mulher e do uso do véu na sociedade hebraica verifica-se, sob certos aspectos, não em todos, na sociedade grega. Aqui a mulher ocupa, igualmente, uma posição subalterna.

Enquanto donzela está sujeita ao seu *kyrios*, que é, naturalmente, o seu pai, ou na falta deste, um irmão nascido do mesmo pai, um avô, ou, finalmente, um tutor legal. Era ele quem lhe escolhia o marido e por ela tomava as decisões necessárias (3).

Depois de casada, a mulher, se bem que em épocas recuadas — nos tempos minóicos e, sobretudo, nos tempos homéricos — tenha sido altamente venerada, perde os seus privilégios ao instalar-se a democracia ateniense (4). Se ela ainda continua a ser para os escravos a *despoina*, a senhora, podendo governar com autoridade a sua casa a não ser que o seu marido e senhor a tal se oponha (5), perante o seu esposo e na vida civil e política não possui quaisquer direitos. Não é senhora de si própria, *sui juris* (6). Não é mais do que um *oikurema*, um «objecto (a palavra é neutra) feito para os cuidados da casa. Para o ateniense, é a primeira das suas servas» (7).

(1) J. Jeremias, *op. cit.*, pág. 472.

(2) R. Jamieson, A. R. Fausset and D. Brown, *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments*, Grand Rapids, Zondervan Publishing House, s/d, sobre 1 Cor. 11:10.

(3) Robert Flacelière, *A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles*, trad. de Virgínia Motta, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s/d, pág. 67; Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, trad. port., 5.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1941, vol. 1, pág. 132.

(4) André Bonnard, *Civilização Grega*, trad. de José Saramago, vol. I, Lisboa, Estúdios Cor, 1966, pág. 176.

(5) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 65.

(6) F. Coulanges, *op. cit.*, pág. 132.

(7) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(1) R. De Vaux, *Les Institutions de l'Ancien Testament*, vol. 1, 2ª ed., Paris, Les Éditions du Cerf, 1961, pág. 67.

(2) Filon, *De Spec. Leg.*, III, 169, citado por J. Jeremias, *op. cit.*, pág. 473.

(3) Flávio Josefo, *Antiquidades Judaicas*, Liv. XV, cap. XI, 5; *Guerras dos Judeus*, Liv. V, cap. V, 2.

(4) J. Jeremias, *op. cit.*, pág. 489.

(5) *Qid.*, IV, 13, citado por J. Jeremias, *op. cit.*, págs. 489, 490.

(6) Flávio Josefo, *Resposta a Apio*, II, 25.

«O marido podia sempre repudiar a mulher, mesmo na ausência de motivos válidos» (1).

Tinha sobre ela uma tal autoridade que podia, antes de morrer, designar-lhe um tutor e até mesmo escolher-lhe um segundo marido (2).

Se enviuvava, a mulher passava a estar sob a autoridade do filho mais velho (3).

Ela não podia ser tutora, nem mesmo dos seus filhos. Em caso de divórcio, os filhos ficavam com o pai, mesmo quando fossem do sexo feminino. A mãe nunca podia ter os filhos em seu poder.

Não lhe era pedido o consentimento para o casamento da filha (4).

A posição subalterna da mulher grega encontra-se bem definida nestas palavras de um dos *Fragmentos* de Menandro: «É necessário que a mulher não fale senão em segundo lugar, e que o homem tenha o império supremo» (5).

Tal como sucedia entre os hebreus, o lugar próprio para a mulher grega era a casa. Devemos, porém, dizer, em abono da verdade, que as excepções eram numerosas, sobretudo na classe pobre, em que as mulheres eram por vezes forçadas a trabalhar fora de casa, como por exemplo, no mercado (6).

Desde pequena era criada no *gineceu*, donde não saía senão por ocasião de procissões festivas, em que tomava parte quer como espectadora quer como participante.

Dona de casa, conservava-se ainda no *gineceu*, onde vigiava o trabalho das escravas, trabalho em que ela mesma participava. Se saía, era para fazer uma visita aos pais, ou para ir ao banho, sempre vigiada por uma escrava. Por vezes acompanhava o seu senhor e dono. Nem sequer ia ao mercado. Os homens ou os escravos é que iam à Agora fazer as compras necessárias (7).

Numa das suas tragédias, Eurípedes põe na boca de Andrómaca, mulher de Heitor, estas palavras proferidas em defesa da sua dignidade feminina: «A mulher atrai sobre si uma má reputação se não perma-

necer reclusa; quanto a mim, eu fazia calar o meu desejo e permanecia em casa» (1).

Eis como Menandro resume a situação: «Uma mulher honesta deve estar em casa; a rua é boa para a mulher sem cotação (2).

Quando uma senhora se apresentava em público, em geral, não necessariamente, tinha a cabeça coberta. A cobertura da cabeça podia ser um véu, como o *krédemnon*, o *kálumma* ou o *kalúptrá*; podia ser uma rede mais ou menos transparente, como o *kekrúfalos* ou o *thelétrion*; ou até uma espécie de chapéu de aba larga e de forma cônica, o *tholia*, muito comum a partir do período alexandrino. Por vezes a cabeça era coberta com uma dobra do *himátion*, ampla peça de vestuário que se punha por cima das outras vestes e envolvia o corpo inteiro, peça essa de que o *peplos* e o *chítton* eram apenas variantes.

Ao passo que na sociedade hebraica a cabeça coberta era sobretudo um símbolo de sujeição, na sociedade grega esse uso assumia outros significados.

Era, antes de mais, um símbolo de recato feminino. Caso típico é o de Penélope, a mulher preclara, apresentando-se, perante estranhos, «de faces cobertas com um precioso véu (*krédemnon*)» (3).

Mas, além de ser um símbolo de recato, podia ser usado com outras finalidades — para realçar a beleza feminina, como no caso de Hera apresentando-se perante Zeus (4); para disfarçar a identidade da pessoa, como sucedeu com Ifigénia em Táurida (5); para exprimir luto, como na *Iliáda* (6), nos *Hinos Homéricos* (7) e em numerosas estelas funerárias; para cerimónias religiosas, como no vaso conservado no Museu de Berlim, em que Themis, sentada sobre a trípede idélica, está coberta com um véu (8), ou da adoradora de Afrodite, do Museu Nacional de Roma, no acto de depor incenso num candelabro (9).

Em presença do que acaba de ser mencionado com referência às sociedades hebraica e grega, podemos chegar a uma conclusão de interesse para o estudo que estamos fazendo.

Em ambas as sociedades, a mulher ocupa uma posição subalterna. Entre os hebreus,

(1) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 76.

(2) F. Coulanges, *op. cit.*, pág. 133.

(3) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(4) F. Coulanges, *op. cit.*, págs. 138, 139.

(5) *Le Théâtre des Grecs*, par le P. Brumoy. Seconde édition complète, revue par M. Raoul-Rochette. Paris, chez Mme. Ve Cussac, 1825, Tome XVI, Les Fragments de Ménandre, Frag. 213, pág. 115.

(6) R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 77.

(7) A. Bonnard, *op. cit.*, pág. 180.

(1) Eurípedes, *Troianas*, 649.

(2) Fragmento 546, registado por R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 77.

(3) *Odisseia*, I, 330-334.

(4) *Iliáda*, XIV, 184, 185.

(5) Eurípedes, *Ifigénia em Táurida*, 372.

(6) *Iliáda*, XXIV, 94.

(7) *Hinos Homéricos*, Hino a Deméter, 41, 42.

(8) Grav. em R. Flacelière, *op. cit.*, pág. 241.

(9) Thomas Craven, *Greek Art*, New York, Pocket Books Inc., 1950, pág. 56, ilust. 9.

essa posição, é rigidamente mantida no período neo-testamentário. Entre os gregos, um movimento de emancipação, personificado nas cortesãs e originado na época clássica, vai-se pronunciando após a Guerra do Peloponeso e tem grande expansão depois de Alexandre, no período helenístico, sobretudo em cidades cosmopolitas como Corinto que, como já vimos, se tornou famosa nesse sentido.

A cobertura da cabeça, pela mulher judia, simboliza, primariamente, a sua posição subalterna. Por sua vez, a cobertura da cabeça pela mulher grega exprime, não necessariamente a ideia de submissão, mas sim a do natural recato feminino, a *sopro-sine*, a virtude da decência, que o helenos tanto apreciavam em suas esposas.

O apóstolo Paulo, respeitando os dados positivos das duas civilizações, vê na cabeça coberta das senhoras — necessária entre os judeus, aconselhável entre os gregos — a expressão correcta, para aquele tempo e lugar, da reverência e decência femininas no culto religioso da igreja cristã.

A argumentação de Paulo acerca do véu

A argumentação de Paulo, tal como se encontra desenvolvida em 1 Cor. 11:3-15, não se baseia em considerações de ordem moral. Aliás falharia, pois tanto entre judeus como entre gregos, mulheres de baixa moral podiam apresentar-se, e de facto se apresentavam, para se disfarçarem, de cabeça coberta (1).

Também não parte do postulado da desigualdade dos sexos, quer no plano da criação, quer no da salvação. Com efeito, no plano da criação, «nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor. Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus» (vers. 11, 12). E no plano da salvação, como declara em Gál. 3:28, «não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus».

A sua argumentação tem como fundamento a própria ordem hierárquica estabelecida por Deus, segundo a qual «Deus é a cabeça de Cristo», «Cristo é a cabeça de todo o varão, e o varão a cabeça da mulher» (vers. 3).

Dentro da família, unidade celular da sociedade, o marido desempenha pois a

posição de chefe, privilégio que lhe foi atribuído pelo próprio Deus.

Seria certamente para ele uma vergonha abdicar — por falta de varonilidade ou por cobardia — dessa posição. É por isso que, sendo a cabeça coberta e o cabelo comprido um sinal de sujeição no plano familiar, «todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra á sua própria cabeça» (vers. 4). «O varão pois não deve cobrir a cabeça» (vers. 7). «Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter o cabelo crescido?» (vers. 14) (1).

Mas assim como seria uma desonra o homem abdicar da sua posição de chefe de família, seria, por sua vez, indecente a mulher pretender emancipar-se da sua posição subalterna e manifestá-lo exteriormente usando o cabelo curto ou a cabeça descoberta (vers. 13).

E o apóstolo, para tornar claro o seu pensamento, apresenta vários argumentos.

Em primeiro lugar, como salienta G. G. Findlay (2), ele emprega o *modus tollens* do silogismo hipotético: «Toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto se a mulher não se cobre com o véu, tosquie-se também. Mas se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu» (vers. 5, 6). Ou, noutros termos, «se a mulher não quer mostrar a sua sujeição ao marido usando o véu, então leve a sua insujeição às últimas consequências deixando rapar a cabeça — sinal de desrespeito completo pela santidade do matrimónio».

Na realidade, se não entre os gregos, certamente entre os judeus, desde que a pena de morte deixou de ser aplicada para casos desta natureza, a pena infligida à mulher convencida de adultério era, pelo menos, o rapar-se-lhe o cabelo. Vincent regista a seguinte fórmula usada pelos judeus na altura em que à mulher era cortado o cabelo por esse motivo: «Pois que te apartaste do procedimento das filhas de Israel,

(1) É verdade que entre os judeus um manto rectangular com franjas nos quatro cantos, o *tallit*, era usado sobre a cabeça dos homens na sinagoga ao ser lido o rolo da Lei. Mas em 2 Cor. 3:14-16, o apóstolo apresenta uma razão teológica de já não ser necessário o véu para esse efeito: «Até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do Velho Testamento, o qual foi por Cristo abolido; e, até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará.»

(2) *The Expositor's Greek Testament*, edited by W. Robertson Nicoll, vol. II, Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1967, pág. 872.

(1) Haja em vista o que sucedeu, por exemplo, com Tamar. Gén. 38:15-19.

que vão com a sua cabeça coberta, portanto isto te sucedeu como tu escolheste» (1).

Ora, se para a mulher seria vergonha ter a cabeça rapada, por se encontrar em causa o seu bom nome, então mantenha o seu bom nome conservando o cabelo, e com ele o véu, sinal de respeito pelo marido (2).

Aliás esta sujeição ao marido, dentro da hierarquia familiar, é razoável. O apóstolo menciona as seguintes razões:

1. O varão «é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão» (Vers. 7).

2. «O varão não provém da mulher, mas a mulher do varão» (vers. 8).

3. «O varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão» (vers. 9).

4. «A mulher deve ter sobre a cabeça o sinal de poderio [da parte do marido], por causa dos anjos» (vers. 10) (3).

5. «Ensina a mesma natureza» que «ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu» (vers. 14, 15).

É dentro desta lógica que, um pouco adiante, no capítulo 14 da mesma epístola, o apóstolo ordena: «As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja» (vers. 34, 35).

Noutras epístolas, Paulo insiste, em termos por vezes fortes, na sujeição das esposas a seus maridos.

Assim, em Efésios 5:22-24, lemos: «Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor. Porque o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da igreja; sendo Ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus

maridos». Em Colossenses 3:18: «Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor». Em Tito 2:5: «[As mulheres idosas] ensinem as mulheres novas a serem... sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada».

Em 1 Timóteo 2:11-15, o apóstolo é categórico: «A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade e na santificação».

No contexto da teologia paulina, e de um modo particular da primeira epístola aos Coríntios, a ênfase é posta sobre o espírito de sujeição e modéstia que deve ser manifestado pela mulher, e não sobre o uso do véu como tal. A falta do véu, ou o apresentar-se com a cabeça descoberta, só se menciona tendo em vista as suas implicações, ou seja, o espírito de insubordinação e de desrespeito, de desordem e de irreverência, que na igreja de Corinto, devido às condições locais, se tornava notoriamente condenável e escandaloso.

É por isso que, resumindo, o apóstolo conclui: «Faça-se tudo decentemente e com ordem» (1 Cor. 14:40).

O uso do véu através dos séculos

Na igreja cristã pós-apostólica era costume as senhoras, tanto casadas como solteiras, apresentarem-se com a cabeça coberta, do que dão frequente testemunho as toscas pinturas das Catacumbas.

Na África do Norte começou, porém, a introduzir-se o hábito de as jovens solteiras aparecerem em público sem qualquer cobertura na cabeça.

Contra essa praxe escreveu Tertuliano, na sua fase semi-montanista, por volta do ano 206, o tratado *De Virginibus Velandis*.

De acordo com a sua doutrina, as senhoras casadas devem cobrir-se, não só para mostrar um espírito submisso, mas por pudor. Por isso, não basta usar qualquer véu ou atavio elementar, mas algo que verdadeiramente cubra a cabeça até ao pescoço. Não deviam ser menos modestas do que as mulheres árabes gentias, que cobrem não só a cabeça mas todo o rosto, a ponto de, usando apenas um dos olhos, gozarem

(1) M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, Wilmington, Del., Associated Publishers and Authors, 1972, págs. 786, 787.

(2) Findlay salienta que kaluptéstho, «ponha o véu», no presente imperativo, designa continuidade, e, portanto, não apenas na igreja, mas habitualmente. *The Expositor's Greek Testament*, vol. II, pág. 872.

(3) «Esta estranha frase tem dado origem a toda a espécie de conjecturas, de modo nenhum admissíveis. Não são pregadores que Paulo tem em mente, nem anjos maus que podiam ser tentados (Gén. 6:10), mas anjos presentes no culto (cf. I Cor. 4:9; Sal. 138:1) que ficariam chocados pela conduta das mulheres, visto que os próprios anjos velam os seus rostos diante de Jeová (Isa. 6:2).» — A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. IV, Nashville, Broadman Press, 1931, pág. 161.

de uma meia luz, de preferência a exporem todo o rosto (1).

Quanto às jovens solteiras, as virgens, se é verdade que não estão sujeitas a nenhum marido terrestre, «no entanto», lembra Tertuliano, «casaste com Cristo: a Ele entregaste a tua carne, com Ele desposaste a tua maturidade. Anda pois segundo a vontade do teu Esposo. Se Cristo manda que as esposas alheias e casadas se velem, muito mais quando se trata de Suas esposas» (2).

O véu, diz ele, é para a virgem como um capacete e como um escudo que a protegem contra os golpes das tentações, contra os dardos dos escândalos, e contra as suspeitas e sussurros (3).

Continua ainda o mesmo autor: «Reveste-te pois da armadura do pudor, circunda-te com a trincheira da vergonha, constroi uma muralha para o teu sexo, de maneira que nem os teus olhos vejam para fora nem os alheios para dentro» (4).

O estado de virgindade goza de elevado prestígio durante os primeiros séculos do Cristianismo. Muitas virgens passam a viver em comunidade. «Tomando o véu, muitas jovens romanas haviam pensado que a sua perseverança seria mais fácil se se reunissem para viver sob a protecção de uma regra do que permanecendo em suas famílias» (5).

Por vezes, a imposição do véu revestia-se da maior solenidade, como no caso de Marcelina, irmã de S. Ambrósio, que em 353 consagrara a Deus a sua virgindade e recebera o véu das mãos do papa Libério (6).

E é assim que, já no século IV, surge o monaquismo feminino na Igreja Cristã.

Este facto deve ser retido em mente, dada a influência que o monaquismo, considerado estado de perfeição, exerceu sobre os hábitos da Igreja durante os séculos seguintes.

Na Península Ibérica, é provável ter-se feito sentir a influência muçulmana a partir do século VIII. Segundo o Alcorão, a mulher não deve mostrar o seu rosto a estranhos (7). «Oh, Profeta! prescreve a tua esposa, a tuas filhas, e às mulheres dos crentes, o deixar cair um véu sobre o seu

rosto que será o sinal da sua virtude e um freio contra os discursos do público» (1).

O que é verdade é que através de toda a Idade Média é prática corrente as mulheres cobrirem as suas cabeças (2).

Até hoje, o costume tem-se mantido, mais ou menos arreigado, nos meios rurais, fiéis a tradições seculares, sobretudo no Sul da Europa.

De qualquer maneira, a cobertura da cabeça já não tem, na sociedade de hoje, o significado de que se revestia no tempo dos apóstolos.

Certamente não é mais um símbolo de sujeição, quando muito será um sinal de modéstia, em todo o caso é, sem dúvida, uma relíquia da tradição.

A mensagem de Paulo para os nossos dias

Servindo-nos das palavras do Comentário Bíblico Adventista, o texto de que nos temos estado ocupando neste artigo (1 Cor. 11:3-15) «deve ser compreendido à luz do que acaba de ser dito, para que não suceda que, por um lado, obriguemos hoje as mulheres em muitos países a suportar fardos que não deviam suportar, ou, por outro lado, a fazer com que Paulo se apresente como desactualizado e como não tendo mensagem alguma para o leitor do século vinte» (3).

Qual é pois a mensagem de Paulo para os nossos dias?

1. Não parece que seja a da obrigatoriedade da cobertura da cabeça na igreja como símbolo de submissão, nem sequer de modéstia, pela simples razão de que, como acabamos de lembrar, essa cobertura não significa hoje o mesmo que significava no seu tempo.

2. Talvez não seja também a da própria sujeição da esposa ao seu marido, se bem que a sociedade moderna, em que tantos lares se estão desintegrando, lucrasse em prestar mais atenção às instruções apostólicas a este respeito. Não terá sido sem razão que um grande evangelista, Billy Graham, que se tem dedicado ao estudo das necessidades espirituais do mundo de hoje, apresentou, numa cruzada recente, entre dez mandamentos para bons lares, o seguinte: «Os maridos devem ser a cabeça da

(Continua na pág. 23)

(1) Tertuliano, *De Virginibus Velandis*, XVII (Migne, *Patrologia Latina*, vol. II, col. 912).

(2) *Id.*, *ibid.*, XVII, col. 911.

(3) *Id.*, *Ibid.*, XV, col. 910.

(4) *Id.*, *Ibid.*, XVI, col. 911.

(5) P. Pourrat, *La Spiritualité Chrétienne, des Origines de l'Église au Moyen Age*, 3^{ème} édition, Paris, Librairie Victor Lecoffre, 1919, págs. 218, 219.

(6) S. Ambrósio, *De Virginibus*, Lib. III, cap. 1 (Migne, P. L., vol. XVI, col. 219.)

(7) *Alcorão*, XXIV, 31; XXVIII, 55.

(1) *Alcorão*, XXXIII, 59.

(2) Michèle Beaulieu, *Le Costume Antique et médiéval*, 4^{me} édition, Paris, Presses Universitaires de France, 1967, págs. 71, 78, 81, 89, 99, 100, 107, 110, 114, 119.

(3) *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, pág. 755.

A PRIMEIRA SESSÃO MUNDIAL ADVENTISTA NA EUROPA

Entrevista entre Alf Lohne, presidente da Divisão Norte-Europeia-África Ocidental, e C. O. Franz, secretário da Conferência Geral

Agora, faltam só 14 meses para a maior assembleia adventista que jamais teve lugar na Europa, acontecimento sobre o qual dirigentes e leigos adventistas de cerca de 200 países concentram já a sua atenção. Claro que nos referimos à 1.ª Sessão da Conferência Geral que pela primeira vez Viena de Áustria. Data: 10 a 19 de Julho de 1975. Primeira reunião: Quinta-feira à noite, 10 de Julho. Última reunião: Sábado à noite, 19 de Julho.

A nossa administração mundial escolheu o lugar com quatro anos de antecedência, já que milhares de horas de trabalho têm de ser gastas na preparação de grandes e complicados arranjos. Trazer 18 000 pessoas para um lugar, tomar conta dos 2000 automóveis que se esperam, reservar milhares de quartos de hotel, organizar dúzias de comissões e assegurar-se de que funcionarão em boas condições — tudo isto são apenas fracções da tarefa. Poucos invejarão o trabalho desta comissão que está já ao trabalho na Europa que, como sabem, é

retalhada por verdadeiras fronteiras geográficas e políticas e dividida por uma babilónica confusão de línguas.

Bem no centro dos preparativos encontra-se Clyde Ora Franz, secretário mundial da Igreja Adventista. Nascido em Cuba de pais missionários, estudou nos Estados Unidos e trabalhou na Jamaica, em Cuba e nos Estados Unidos. Foi difícil apanhá-lo para uma entrevista, mas finalmente conseguimos. O Pastor Franz é o secretário da comissão preparatória da sessão, sob a qual um exército de sub-comissões está ao trabalho. Porque se encontra mesmo no centro de tudo, ele sabe bem o que se está a fazer e quais os planos que existem. Em primeiro lugar perguntámos-lhe:

Porque escolheu a Conferência Geral a cidade de Viena para a Sessão?

A escolha de Viena, na Áustria, como local para a sessão da Conferência Geral em 1975 não foi provavelmente devida a qualquer razão isolada. Foi antes o resultado de uma selecção baseada em certo número de factores, todos eles importantes, porém nenhum mais importante do que os outros. A Europa parecia uma loca-



Viena — O Stadthalle, onde terá lugar a Sessão da Conferência Geral em 1975

lização natural para a primeira sessão fora da América do Norte. Havia, bem entendido, a questão das disponibilidades mais diferentes capitais. O auditório da cidade, de que podíamos dispor em Viena, parecia corresponder às nossas necessidades e o mesmo aconteceu com outras facilidades que foram tomadas em consideração. A questão da centralização geográfica foi outro factor importante e Viena ocupa realmente uma posição privilegiada neste ponto.

Os nossos crentes americanos estão acostumados a ter esta assembleia no seu território. Espera-se que eles venham também aos milhares a Viena?

Há muitos adventistas norte-americanos que gostariam de assistir à sessão em Viena. É impossível prever no que respeita a este ponto, ou até azer cálculos aproximados do número que se espera. Não desejamos que os membros da América do Norte sintam que não são bem-vindos a esta sessão, mas por certo eles compreenderão que desta vez os crentes da Europa têm prioridade, dado que a sessão tem lugar no seu próprio território. Compreendemos que há mais de 100 000 membros de igreja na Europa e que muitos deles gostariam de assistir pelo menos a uma parte da sessão.

Quantos delegados se esperam?

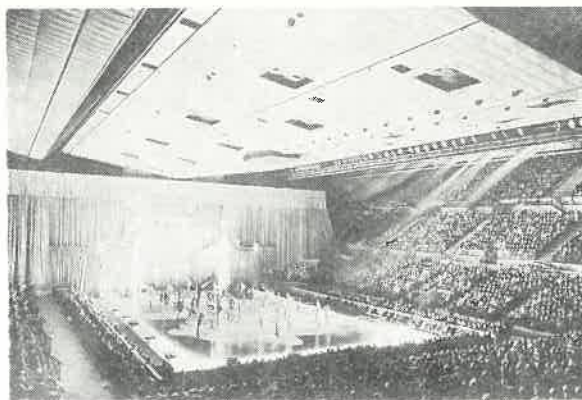
Dado que os cálculos serão estabelecidos sobre o número de membros de igreja em 31 de Dezembro de 1973, é impossível determinar já o número de delegados que virão. Mas podemos dizer, sem medo de errar, que o seu número andarà entre os 1800 e os 1900.

Quantas pessoas se poderão acomodar nos Sábados?

O auditório da cidade de Viena tem lotação para 15 000 pessoas sentadas no seu auditório principal. Há ainda um auditório de Jovens que poderá acomodar mais 3000. O alojamento em hotel será extremamente difícil. A Conferência Geral reservou aproximadamente 3000 quartos em Viena. Naturalmente, tem de se cuidar dos delegados em primeiro lugar.

Será o estacionamento um problema?

Não existe nenhum parque de estacionamento perto do auditório da cidade, mas está previsto que o município da cidade bloqueará algumas ruas para providenciar estacionamento a cerca de 2000 veículos.



Viena — Interior do Stadthalle

Quais serão as línguas usadas?

As reuniões públicas e os serviços de Sábado de manhã serão em Alemão e em Inglês. As sessões de trabalho serão em Inglês. Todavia estão-se fazendo arranjos para que em todas estas reuniões haja um certo número de traduções para outras línguas, talvez mesmo para dez línguas. Os delegados, e outras pessoas, serão munidas de pequeno receptor transistorizado para que possam seguir todos os trabalhos na sua própria língua.

Além da inspiração espiritual que estas reuniões sem dúvida trarão, que outros aspectos práticos poderia mencionar?

A sessão da Conferência Geral não é uma mera convenção ou um momento e lugar adequados para velhos amigos se encontrarem, embora a boa camaradagem e a oportunidade de travar conhecimento com pessoas de outros países seja realmente um dos resultados da sessão. A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja mundial e neste contexto é absolutamente necessário que os representantes da igreja de todo o mundo se encontrem de tempos a tempos a fim de elegerem os seus corpos directivos, para ouvirem relatórios do progresso realizado e para estabelecerem planos para o trabalho futuro.

O *Manual de Igreja* só pode ser alterado em sessão da Conferência Geral. A estrutura organizacional da igreja tem de ser considerada e modificada na sessão ou numa sessão especial se a assembleia assim julgar conveniente. Tais são os propósitos práticos da sessão da Conferência Geral, mas gostaríamos também de salientar que os benefícios que derivam da sessão são de grande valor para a igreja. Na sessão de 1975 será dada grande ênfase aos serviços devocionais e às reuniões de Sábado.

Presumo que dezenas de milhares de Adventistas estarão fazendo planos para assistir à «estreia» na Europa. Como se irá entrar em contacto com eles?

Foi elaborado e votado um plano no Conselho Anual de 1973 através do qual cada divisão recebeu um número específico de cartões de admissão para o auditório principal de Viena. Estes cartões são apenas para as reuniões do fim-de-semana. Não esperamos que haja falta de lugares durante o período de segunda a sexta-feira. Cada divisão receberá séries de cartões separadas para cada um dos fins-de-semana a fim de que possa, se assim o desejar, acomodar um grupo diferente em cada um dos dois fins-de-semana que a sessão abrange. As divisões europeias foi concedido um número maior de lugares sentados do que a qualquer das outras divisões.

Como reagiram as autoridades austríacas em face dos planos para esta Assembleia?

As autoridades austríacas com quem o nosso pessoal tem contactado têm sido muito simpáticas e estamos convencidos de que farão todo o possível para nos fazerem sentir bem-vindos a Viena. E isto é especialmente verdade em relação ao Gabinete de Convenções de Viena, que trata de arranjos deste género. Tivemos o privilégio de trabalhar com os representantes deste Gabinete em Viena e apreciamos a sua boa vontade em nos ajudar de toda a maneira possível e a sua esplêndida cooperação.

Há algo de especial em seu coração ao fazer planos e preparativos?

Há uma questão que, segundo creio, é mais importante do que qualquer trabalho administrativo regular que irá ser feito pela sessão e é a seguinte pergunta: **PORQUE SENDO NÓS A IGREJA REMANESCENTE, NOS ENCONTRAMOS AINDA NESTE MUNDO EM 1975?** O que estamos fazendo e o que poderemos fazer para que, com a bênção e direcção de Deus, a próxima sessão tenha lugar na Canaã Celestial?

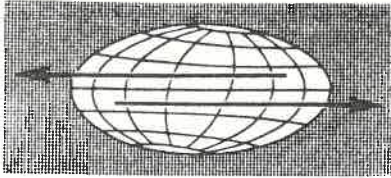
Expressando o mesmo pensamento doutra maneira, diríamos que não acreditamos que o maquinismo da igreja, por mais importante e necessário que seja, deva ser a nossa principal preocupação. A terminação da obra de Deus sobre a terra, obra que Ele confiou à Sua Igreja Remanescente, é e deve ser a nossa primeira consideração. Confiamos em que os delegados e visitantes à 52.^a Sessão da Conferência Geral virão a Viena neste espírito.

Há planos para sessões da Conferência Geral noutras partes do mundo?

O local para a Conferência Geral que seguirá a esta ainda não foi estabelecido, mas vai ser necessário fazê-lo muito em breve. Como acabamos de dizer, esperamos que não seja necessário ter mais, ou muitas mais, sessões da Conferência Geral sobre esta terra. Quando o Espírito de Deus for derramado sobre Seu povo na experiência da chuva serôdia, a obra será terminada muito rapidamente. Devíamos orar sobre isto.

Ellen G. White apresentando uma mensagem durante a sessão da Conferência Geral de 1901, no Tabernáculo de Battle Creek, Michigan, Estados Unidos





ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

O SEMINÁRIO DE FRIEDENSAU CELEBRA 75 ANOS DE EDUCAÇÃO NA EUROPA

Durante o Verão de 1974 o Seminário Teológico de Friedensau na República Democrática Alemã comemorará 75 anos de existência. A fundação desta instituição, naquele tempo como escola missionária e de preparação profissional, estabeleceu algo que tende a esquecer-se, ou seja que a data de 18 de Novembro de 1899, quando abriu a escola, marcou na Europa o início do reino sistemático de obreiros, missionários, colportores-evangelistas e enfermeiras. Logo se seguiu o estabelecimento de outras instituições educativas fora da Alemanha e, mais tarde, de novo neste país.

Ao olharmos hoje retrospectivamente, ficamos admirados com a coragem dos pioneiros da Mensagem do Advento na Europa Central. Quando no Verão de 1899 se tomou a decisão de comprar um local apropriado para fundar uma escola missionária, o número de membros então existente na Conferência Alemã dos Adventistas do Sétimo Dia era de cerca de um milhão. Os delegados na reunião anual em Magdeburgo reconheceram que o programa temporário de educação até então seguido em Hamburgo era insuficiente para o sólido desenvolvimento do campo europeu. Comprou-se uma porção de terreno contendo uma serração numa zona florestal, uns 30 quilómetros a leste de Magdeburgo. (A actual extensão desse terreno é de 380 hectares de campo cultivável, pastagens e matas).

Após uma cerimónia de inauguração muito simples, em 18 de Novembro de 1899, as aulas começaram no dia seguinte com um professor e sete alunos. Havia apenas uma divisão que servia de sala de aulas, escritório e «laboratório médico». O primeiro director e único professor, irmão Otto Lupke, vivia num pequeno quarto próximo que nem sequer estava verdadeiramente à sua disposição. Alguns estudantes tinham em primeiro lugar

que apreder o alemão desde o princípio, porque vinham de todas as partes da Europa, nomeadamente da Ucrânia, dos Estados Bálticos, dos Balcãs, da Checoslováquia, da Austria e da Holanda. A reputação de escola espalhou-se rapidamente e as inscrições aumentaram, atingindo 29 no fim do primeiro ano escolar.

Os anos que seguiram a mudança do século assistiram a uma constante corrida entre o rápido erguimento de edifícios no improdutivo solo arenoso e o ainda mais rápido crescimento do número de matrículas. Em 1904 atingiu e excedeu a centena. Cinco anos mais tarde subiu acima dos duzentos. Em 1912 havia um total de 257 jovens, rapazes e meninas, na lista dos alunos. Saíram de Friedensau literalmente para todas as partes do mundo e ali voltaram para assistir às reuniões campais onde relatavam ricas experiências. Assim reanimavam a vida escolar e entusiasmavam os estudantes com o desejo de trabalhar na causa de Deus.

O número de visitantes nestas reuniões campais subiu a 3000 antes da primeira guerra mundial, vindos de toda a Europa, da Africa e do Próximo Oriente. Estes ajuntamentos, para os quais os próprios estudantes de Friedensau fabricavam as tendas, atingiram o seu clímax em 1911, quando alguns irmãos da Conferência Geral dirigiram uma reunião de obreiros em conjunção com a reunião campal.

Infelizmente não foi possível continuar esse intercâmbio, em virtude de as duas terríveis guerras terem marcado profundamente a história de Friedensau e provocado uma situação completamente diferente. Os outros dois seminários alemães, em Neandertal e Marienhöhe-Darmstadt, fuidados no intervalo entre as duas guerras, retomaram a preparação de jovens ministros para as igrejas na parte ocidental que hoje constitui a República da Alemanha Ocidental. Friedensau tornou-se então menos importante e assim tem ficado até agora. Mas a localidade e o seminário

continuaram. Em 1947, com a aprovação da administração militar soviética, o primeiro seminário que existiu em território alemão foi novamente aberto. O recomeço foi fraco, mas o antigo espírito de Friedensau inspirou os novos estudantes. Durante uma década esta instituição educacional tem sido conhecida como «Seminário Ministerial de Friedensau». Com excepção de um pequeno número de ministros mais idosos, toda a força de obreiros da igreja adventista na República Democrática Alemã vem deste período de treino que recomeçou em 1947; e até hoje continuam a formar-se ali novos obreiros.

Mais de 4100 jovens e meninas frequentaram o Seminário durante estes 75 anos. Eles constituem um grosso caudal de bênçãos, absolutamente indispensável à obra da Mensagem do Advento na Europa.

Presentemente o Seminário de Friedensau oferece dois cursos:

1.º o curso ministerial de cinco anos (4 anos no Seminário, 10 meses de experiência prática e dois meses de estudo final no Seminário; há trinta e cinco estudantes neste curso), e

2.º o curso de diáconos de um ano para jovens membros e interessados da igreja que desejam fazer trabalho missionário além da sua profissão regular.

O número de alunos ao todo varia entre 50 e 70.

Por ocasião do jubileu esperase a visita de convidados especiais e também muitas mensagens de todas as partes do mundo. Durante as cerimónias que terão lugar de 4 a 6 de Julho de 1974, será dedicado um novo órgão de tubos, com 21 registos, construído pela firma Schuke, de Potsdam. Servirá para louvar e dar glória a Deus pela Sua protecção e vigilante cuidado.

No mais antigo edifício escolar existente em Friedensau há duas mensagens gravadas em pedra: «Orai e Trabalhai» e «O Senhor Vem». Cremos que Deus abençoará o nosso serviço enquanto praticarmos a primeira e anunciarmos a segunda.

Felix Schönfeld
Director

Uma Visita à República Democrática Alemã

Depois de ter conseguido o meu visto de visitante oficial, viajei de Zurique para Berlim na companhia de Manfred Boetscher, presidente da União dos Adventistas do Sétimo Dia da República Democrática Alemã. Após a nossa chegada, Egon Henning, o secretário da União, foi um guia excelente enquanto seguíamos de automóvel para o hotel em Unter den Linden. Durante o trajecto, não deixou de ir assinalando os pontos de maior interesse. As marcas da destruição que teve lugar há um quarto de século foram já em grande parte eliminadas. Ruas largas, amplas praças e edifícios modernos substituem hoje as ruínas da devastadora II Guerra Mundial.

No dia seguinte o Irmão Boetscher e eu viajámos de carro em direcção ao Sul, através da linda paisagem primaveril, contornando Dresda e Karl-Marx-Stadt por uma moderna auto-estrada, a caminho da importante cidade industrial de Zwickau. Esta área, fazendo parte da Associação da Saxónia Ocidental, esta sob a direcção de E. Oestreich. Aqui os Adventistas do Sétimo Dia são bem conhecidos.

As reuniões centrais, às quais assisti, serviram apenas três distritos, visto ser impossível encontrar um local destinado a reuniões religiosas que possa acomodar o grande número dos nossos crentes. Existem, naquela zona, 19 igrejas, com um total de 650 membros. Os cultos de sexta-feira e de domingo tiveram lugar no edifício da igreja de Zwickau, o qual comporta 200 lugares; os serviços do Sábado realizaram-se numa igreja metodista da vizinhança, onde pudemos instalar confortavelmente 500 pessoas. Com os membros regulares da igreja reuniram-se também algumas visitas e pessoas interessadas, desejosas de ouvir a mensagem de esperança, de conforto, de ânimo lhae duma vida cristã de serviço em prol da humanidade. Uma parte saliente do programa foi o concerto de música sacra dado pelos coros reunidos das igrejas sob a direcção de Frieder Leonhardt. O bom espírito foi geral. Os crentes tiveram oportunidade de saciar a sua sede espiritual através dos estudos bíblicos e das mensagens inspiadoras. Todos se mostraram particularmente interessados nas notícias da mensagem do Advento espalhada pelas outras partes do mundo.

O Pastor Boetscher e eu tivemos também ocasião de nos encontrar com os crentes de Plauen, uns 40 quilómetros mais longe. Cerca de 85 por cento das construções desta cidade estavam completamente destruídas três semanas antes de cessarem as hostilidades em 1945. As autoridades têm-se aplicado à enorme tarefa de reconstruir. Na parte nova da cidade, destacaram-se agora os grandes blocos de modernos escritórios e apartamentos. Dado o acelerado programa de edificação promovido pelo município, certos materiais de construção têm estado esgotados. Apesar dessas circunstâncias, os esforços dos nossos irmãos para transformar uma velha barraca de madeira numa capela de tijolo, com instalações para as crianças e os jovens da igreja não têm sido prejudicados. Em muitas ocasiões, orações específicas por determinados materiais foram atendidas na manhã seguinte. Membros de igreja com a profissão de pedreiros, carpinteiros e electricistas, ofereceram quase toda a mão-de-obra. A nova igreja, dedicada no ano passado, tem capacidade para 150 pessoas no salão principal, mais 60 na cave. O salão de recreações no último piso e um apartamento estão ainda em construção. Com um baptismo de 15 pessoas em Dezembro passado, o actual número de membros é de 124; há também um crescente interesse entre as pessoas amigas e conhecidas que assistiram à edificação da igreja.

O espírito manifestado tanto nas reuniões distritais de Zwickau como em Plauen ilustra o entusiasmo dos crentes. No ano passado foram dedicados cinco novos edifícios de igreja dentro da União. Há planos para a construção de mais cinco durante o corrente ano.

O suprimento de obreiros é mantido com o funcionamento do Seminário Missionário de Fiedensau, 140 quilómetros a oeste de Berlim. Naquela instituição, o Irmão F. Schoenfeld e os seus colaboradores cuidam da instituição de cerca de 65 alunos cada ano. A escola está situada numa zona atractivamente arborizada e sobre o mesmo terreno existe também um lar para pessoas idosas e um sanatório. O aproveitamento da madeira e o cultivo da terra dão oportunidade aos alunos de ganhar uma parte da sua escolaragem. Os jovens manifestam um espírito admirável de serviço e devoção. Fiedensau, fundada em 1899, foi a primeira escola denominacional na Europa. Já

há planos para celebrar o seu 75.º aniversário este ano.

A coragem dos dirigentes e membros de igreja na República Democrática Alemã é boa. Em cada lugar que visitámos, os crentes manifestaram o desejo de enviar saudações aos seus irmãos na fé do vasto campo mundial.

E. E. White

Hospital de Koza

O hospital de Koza, no Norte dos Camarões, regista aproximadamente 1600 internamentos por ano, com uma estadia média de 12 dias por pessoa. O pessoal clínico consiste de um médico, um estagiário, duas enfermeiras regulares, nove enfermeiras-ajudantes e mais quatro pessoas.

Cada vez mais o programa do hospital se inclina para a medicina preventiva, promovendo nas aldeias circunvizinhas uma campanha de instrução sobre higiene.

O Seminário de Arusha precisa da sua ajuda

Ouvem-se tiros no meio da noite! O brilho de explosões ilumina o recinto! Correm soldados de um edifício para outro. «As armas! Eh lá, fora da cama! As armas! Toca a reunir!» Todos se reúnem no terreno de jogos que se encontra no meio da propriedade, e então, «Em frente, a dois e dois!» Trata-se de um exercício nocturno...

A Lua observa tristemente aquela cena, incapaz de a compreender; já nada se compreende! «Está tudo mudado! O que foi que aconteceu?» — pergunta ela a si mesma. «É melhor que me vá embora»... e desaparece vagorosamente para dar o lugar ao amanhecer de um novo dia.

Eis que voltam agora os estudantes! Rapazes e meninas, cansados, os corpos encharcados em suor. Vestir, tomar o café, culto, aulas, depois aquela instrução política, o manejo de armas, exercícios sem fim. «Bem, despertem! Não é tempo de dormir. Temos de ser uma nação forte e vigilante. O inimigo está em toda a parte».

Seminário Ikizu, quem é agora o teu proprietário? Foi levantada uma barreira, proibida a entrada. Com uma espingarda ao ombro ou na mão, os estudantes já não conhecem ninguém. «Como se chama? Onde vem? Com quem quer falar? Saia do carro. Abra o porta-bagagens. O que é esse pacote? Assine aqui. Ponha a hora».

Os nossos missionários preparam-se para partir. Então preo-

cupados com o futuro da escola em favor da qual consagraram o melhor de si mesmos durante tantos anos, mas as esposas sentem-se aliviadas por poderem escapar à tensão nervosa que lhes encheu o coração de medo, temendo sempre que uma bala desviada viesse ferir uma das crianças.

Mas que decisão poderá ser tomada acerca da própria instituição? Que solução se poderá encontrar? Todas as escolas secundárias do país tiveram de enfrentar esta preparação militar e, nas escolas primárias, um cacete substitui a espingarda na preparação das meninas e rapazes para se tornarem «corajosos defensores da sua pátria». Que haverá a fazer?

Deste modo Ikizu, a escola missionária para os nossos obreiros e escola secundária para a juventude da União da Tanzânia, é submetida a um programa de preparação para um futuro militar. Embora seja verdade que os estudantes do curso teológico do seminário estão oficialmente isentos, não escapam a pressões exercidas sobre eles. Quanto aos corajosos alunos secundários, aqueles que se opõem a esta lavagem ao cérebro sofrem tormentos públicos, são apresentados como traidores do seu país e deslealmente maltratados. Mas nas nossas fileiras existe um remanescente pelo qual vale a pena começar de novo, em qualquer parte, na Tanzânia.

Que podemos fazer pelo futuro da nossa juventude e da obra? Por agora, apenas começar por separar o seminário da escola secundária.

Há 30 000 membros baptizados — e quase o dobro desse número em membros da Escola Sabatina — espalhados pela Ex-Africa Oriental Germânica, depois Tanganica Inglês — hoje a República Unida da Tanzânia. Os imponentes picos do Kilimanjaro ficam ao norte; para o sul a fronteira com Moçambique; na costa oriental, o Oceano Índico; e nas fronteiras ocidentais como o Uganda, Ruanda, Burundi e Zaire encontram-se mais de 100 tribos. Estas tribos estão unidas pela língua oficial comum, o Swahili, o que facilita muito o nosso trabalho, ainda que esta língua nacional não tenha conseguido ainda substituir completamente os dialectos locais.

A Tanzânia é um magnífico país com uma superfície que cobre 940 000 quilómetros quadrados. Quem não ouviu ainda mencionar as vastas planícies Serengeti, celebradas por Grzi-

mek em *Serengeti Não Pode Morrer*? Ou durante as migrações quando centenas de milhares de zebras e gnus atravessam aquela região? E ali que, com a respiração suspensa se pode ver uma leoa aproximar-se duma tranquila gazela solitária, ou um indignado leão faminto trepar a uma árvore para roubar a presa a um leopardo, que este último abandona de raiva. Ali há que pisar no acelerador quando uma elefanta corre para nós, receando que o seu filhote esteja em perigo, ou corramos o risco de ser maltratados por algum javali saído da sua toca. Quase em todo o lado as girafas interrompem a sua refeição de ramos altos para espiar a nossa passagem, com o suave olhar inquiridor fixo na caixa preta que trazemos ao pescoço. Ficamos maravilhados com o instinto da leoa que, depois de arrastar para uma moita a sua presa — um gnu que se viu esvaír em sangue — vai em busca dos seus filhotes para que tenham o primeiro lugar no banquete.

E quem não ouviu falar dos Mesai, antigos célebres caçadores de leões que presentemente são obrigados a cumprir as ordens do Governo que os manda abandonar as suas migrações para se tornarem cidadãos úteis em sociedade? Temos a alegria de contar entre eles uns trinta membros da nossa igreja e temos a esperança de num próximo futuro ver estes novos convertidos à testa duma aldeia adventista piloto.

Quem não teve ainda o desejo de conhecer os camponeses da Tanzânia, modestos, trabalhadores, fiéis à terra que os sustenta? E qual o membro da igreja que não tenha sido chocado pelo pensamento dos habitantes das cidades perdendo-se no álcool e no deboche? Os nossos pioneiros que ainda aqui se encontram, na maior parte alemães, falam-nos com amor e emoção das montanhas Peré, berço da mensagem adventista na Tanzânia, região habitada por um povo particularmente activo, que sob muitos aspectos constitui a vanguarda.

Foi neste imenso território de intermináveis savanas, áridas regiões, pântanos e também zonas férteis, que procurámos um local destinado ao seminário. Após uma busca demorada, fez-se por fim a escolha — uma propriedade abandonada, situada a uns 13 quilómetros de Arusha, centro da sociedade este-africana. Rica na estrada que leva à Cratera de Ngurdoto e à célebre residência Momella, onde há alguns anos foi rodado o

filme Hatarri. Ali, escondido entre as árvores existe um imponente edifício construído de tijolo vermelho que conseguimos comprar com os seus anexos. O conjunto, disposto num pequeno planalto, domina a vasta planície de Arusha-Moshi, no centro da qual o novo aeroporto internacional de Kilimanjaro se perde como um brinquedo de criança. Por detrás do Monte Neru, um antigo vulcão, hoje zona reservada, e um pouco sobre a esquerda, o sol africano faz brilhar o cimo nevado do Kilimanjaro, tecto do continente.

É aqui, no sopé de grandes montanhas, que decidimos localizar o novo seminário. O clima é sempre fresco — algumas vezes demasiado fresco, ousam dizer-nos os estudantes que vêm de regiões mais quentes como o Quênia e o Uganda. Já conseguimos canalisar água para a propriedade e reparar os edifícios.

Há muito que fazer antes que a instituição possa estar pronta para abrir as suas portas aos futuros obreiros do nosso campo. E para completar um programa de treino eficiente para os nossos obreiros, estamos planeando num futuro próximo unir o seminário com a nossa escola de saúde pública, que a Universidade de Loma Linda tem estado a dirigir durante uns dez anos em colaboração com o Hospital Heri, na fronteira com o Burundi. Notamos de passagem que este hospital é especializado em alta cirurgia, em cirurgia plástica para vítimas da poliomielite e da lepra e na reabilitação pós-operária.

Conduzir tal empreendimento a uma conclusão de êxito — transformar uma propriedade com edifícios arruinados num seminário funcional, capaz de assegurar a educação harmoniosa de futuros obreiros, ministros responsáveis pela evangelização da Africa Oriental — requer meios.

Sentimo-nos profundamente comovidos com o facto de o novo Seminário de Arusha na Tanzânia ter sido providencialmente designado beneficiário da liberalidade da nossa igreja mundial no passado Décimo Terceiro Sábado.

Permita Deus que uma grande parte da nossa gratidão se dirija para vós, caros irmãos e irmãs da Divisão Euro-Africana. E, antecipadamente, com o precioso corpo de obreiros da União da Tanzânia, vos dizemos de todo o nosso coração: *Asanta sana!* (Muito obrigado!)

H. e Cl. Salzmann

A HISTÓRIA DO MÊS



O AR LIVRE



Leonor acordara quando a mamã a chamou:

— Vamos, tu estás atrasada hoje. Já estamos prontos para tomar o pequeno almoço.

— Ó mamã, disse Leonor, não quero o pequeno almoço. Tenho muita dor de cabeça, e não desejo levantar-me.

— Mas, Leonor, disse a mãe, hoje é dia de visitar a casa de Paula. Anda, porque temos muito que fazer.

— Não desejo visitar Paula, nem fazer nenhuma outra coisa. O que eu muito queria era ficar boa de saúde. Não gosto de viver assim fraca e doente, disse Leonor.

Leonor e sua mãe chegaram a casa de Paula para passarem alguns dias e visitarem seus bons amigos. Paula ficou surpreendida ao ver que Leonor era menor do que ela, apesar de ser um ano mais velha.

— Sim, é verdade, disse a mãe de Leonor, mas minha filha é delicada e fraca; está sempre a estudar e muitas vezes está doente. Eu gostaria que ela ficasse forte como a Paula.

Dentro em pouco, disse Paula:

— Vamos, Leonor, buscar a boneca e brincar ao ar livre!

— Mas eu brinco sempre em casa, porque o sol faz-me mal aos olhos, protesta Leonor.

— Tenho chapéus para nós; vamos depressa, porque o sol está muito bom hoje. Podemos fazer casas no jardim, arranjar nossas mobílias e passear com as bonecas.

Assim as meninas brincaram. Elas queriam uma pedra para servir de mesa para as bonecas. Mas não podiam tirá-la, e chamaram as mães para as ajudarem. Assim juntas, elas removeram a pedra com facilidade.

— Olha que bichos feios debaixo desta pedra! — gritou Leonor.

— Olha esta plantinha tão branca e fraquinha! disse Paula.

— Essa planta teve que lutar muito para viver, disse a mãe de Paula, porque não tinha ar e sol. Nós também, como plantas,

precisamos do ar livre e do sol. Se uma pessoa ficasse retida num lugar sem ar e sol, não poderia viver. Quando uma pessoa está sempre fechada em casa sem ar e sem sol, fica mesmo como esta planta, sem força e sem saúde.

Naquela noite, quando as meninas estavam prontas para dormir, disse Leonor:

— Paula, tu não vais fechar a janela?

— Eu nunca fecho a janela de noite — respondeu Paula.

— Mas tu não tens medo dos ladrões? — perguntou Leonor.

— Não, disse Paula. Temos uma grade para esta janela e não tenho medo. Gosto de ver a lua e as estrelas e preciso de ar puro de noite, como de dia.

— Ah! agora descobri a razão da minha dor de cabeça todas as manhãs. Eu sempre tenho dormido com as janelas fechadas, e estou como aquela planta, disse Leonor. Mas eu quero ficar forte assim como tu, e doravante vou brincar ao ar livre e dormir com as janelas abertas. Aquela plantinha raquítica debaixo da pedra ensinou-me uma boa lição.

C. Enete



Duas pessoas e meia

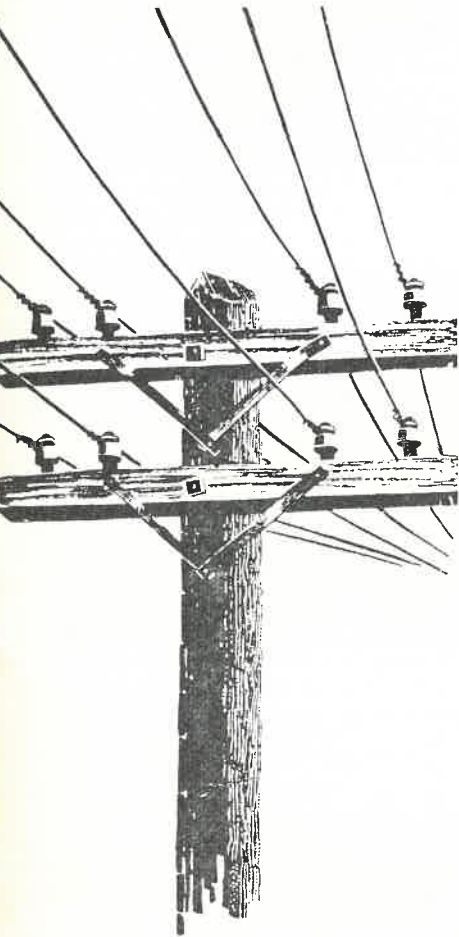
D. L. Moody, referindo-se a uma das suas reuniões, disse que se converteram duas pessoas e meia. Observou um amigo:

— Suponho que a meia pessoa foi uma criança.

— Não, disse o grande evangelista, era um homem de 68 anos; os outros dois eram adolescentes, tendo à frente toda uma vida.



NOTÍCIAS DO CAMPO



Andrew Fearing e Arturo Schmidt

Em visita a várias igrejas, e para dirigir reuniões de obreiros no Porto e em Lisboa, estiveram entre nós, de 9 a 17 de Abril, os Pastores Andrew Fearing, secretário associado da Associação Ministerial da Conferência Geral, e Arturo Schmidt, com idênticas funções na Divisão Euro-Africana.

Dr. Pierre Lanarès

Para estabelecer contactos com diversas entidades portuguesas, no interesse do Departamento da Liberdade Religiosa, esteve em Lisboa, de 18 a 26 de Abril, o Dr. Pierre Lanarès, secretário do referido Departamento na Divisão Euro-Africana.

Carla Banti

Vinda de Angola, a caminho da Itália, passou em 23 de Abril por Lisboa a jovem Irmã Carla Banti, que durante alguns meses esteve dando a sua colaboração no Bongo, integrada no programa do Serviço Voluntário Adventista.

Eugénio Rodriguez

De 11 a 18 de Março esteve em Portugal, ocupado na promoção dos seus departamentos, o Pastor Eugénio Rodriguez, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Actividades Leigas e Temperança da União Sul-Europeia.

David Sanguesa

Para tratar de assuntos relacionados com a Casa Publicadora e a formação de novos colportores esteve em Portugal, de 2 de Março a 1 de Abril, o Pastor David Sanguesa, secretário do Departamento de Publicações da União Sul-Europeia.

Erwin Kilian e Bernard Pichot

Ao serviço de Rádio Trans-Europa estiveram em Lisboa, de 26 a 29 de Março, o Pastor Erwin Kilian, e de 29 a 31 do mesmo mês, o Pastor Bernard Pichot, respectivamente secretário do Departamento da Rádio da Divisão Euro-Africana e técnico dos estúdios da Voz da Esperança em Paris.

LISBOA — Igreja Central

Depois da experiência do ano passado, seguiu-se naturalmente «Acção 74», o programa geral para o mundo Adventista. De acordo com o calendário, «Acção 74», teve lugar na Igreja de Lisboa de 16 de Fevereiro a 16 de Março.

Embora a assistência não fosse tão grande quanto esperávamos, dada a enorme publicidade feita, estamos gratos ao Senhor, pois o nosso templo manteve sempre uma assistência regular e interessada, que foi aumentando à medida que a campanha prosseguia. A média de presenças constituiu o seguinte quadro: Membros de Igreja, 113; Visitas, 91; Crianças, 14.

É certo que a Igreja de Lisboa conta no seu registo mais de 700 membros baptizados. A média de presenças representa assim pouco mais de um sétimo o que, temos que concordar, é muito pouco. Porém a Igreja no que respeita a assistência regular está muito aquém deste número, pelo que a média de presenças já representa considerável esforço e interesse. No que respeita a visitas e dada a sua assiduidade, o número é realmente encorajante.



Lisboa (Igreja Central) — «Eu te baptizo ...»



Lisboa (Igreja Central) — Membros recém-baptizados

Pudemos contar com a valiosa colaboração dos conferencistas drs. Nunes Branco e Samuel Ribeiro, além do Pastor Samuel Reis que de uma maneira regular nos assistiu, fazendo algumas reuniões e dirigindo o serviço de cânticos que tinha lugar todas as noites, antes da conferência, e que constituiu um dos motivos de interesse por parte da assistência.

Todas as noites tivemos também a projecção de filmes ou diapositivos.

Um dos pontos de interesse foram as entrevistas que deram oportunidade a membros da Igreja e a visitas de expressarem a sua opinião sobre os diversos temas tratados.

Destacamos também a contribuição especial da juventude, que colaborou como recepcionistas, sob a direcção do irmão Ricardo Orsucci e abrilhantou as reuniões com poemas e cânticos.

Tivemos assim oportunidade de ouvir belos solos, duetos, quartetos e musica diversa, assim como o grupo «Maranata» e o coro da Igreja, que foram muito apreciados.

Durante as conferências e como brinde especial destinado a encorajar a presença de visitas oferecemos 200 livros, 100 dos quais na ultima noite. Um destes livros foi «O Caminho para Cristo». Esperamos que ele compra a sua missão e ajude muitas almas sedentas da verdade a encontrar o caminho para Cristo e a obterem assim a salvação eterna.

É com prazer que constatamos a presença assídua de muitas das visitas nas nossas reu-

niões regulares. Por altura do programa da Páscoa foi uma inspiração vê-las sempre na nossa Igreja. Algumas delas estão já assistindo á classe baptismal que como programa de continuidade estamos tendo ao sábado à tarde e à quarta-feira à noite, antes da reunião de oração da Igreja. Este importante trabalho está a cargo do irmão Ricardo Orsucci, evangelista de Igreja.



Lisboa (Ig. Central) — Ruben Reis entrevistado

Para encerrar com chave de ouro, teve lugar no domingo, dia 17 de Março, uma bela cerimónia baptismal. Ao apelo feito às visitas para estudo e um próximo baptismo, cerca de 50 almas vieram à frente, demonstrando com esse gesto o seu desejo de ingressar na Igreja Remanescente.

Em conclusão, temos a convicção que «Acção 74» foi um programa positivo, cujos resultados em baptismos não se farão esperar. Com a propaganda feita pela rádio e imprensa demos um passo em frente em tornar conhecido o nosso nome e

a nossa missão, apresentando «Cristo, a Solução» para os problemas do nosso conturbado mundo. Talvez que o resultado deste trabalho venha a produzir frutos num futuro não muito distante

«Acção 74» foi um programa da igreja. O seu êxito deveu-se à colaboração e boa vontade de toda a igreja. Para todos o nosso sincero agradecimento.

F. G. Mendes

PORTO

Na nossa Igreja a campanha «Acção-74» começou no domingo 24 de Fevereiro e prolongou-se até ao sábado 16 de Março.

A primeira fase desta campanha — fase de publicidade e de mentalização da Igreja — não foi tão bem organizada como desejaríamos devido a dificuldades de vária ordem. No entanto pudemos tirar proveito das dificuldades havidas no sentido em que nos esforçamos para que elas não se repitam no futuro.

Em geral, as reuniões decorreram animadas. Muito boa colaboração dos membros da Igreja: Anciãos e diáconos a apresentarem os programas; jovens a participarem como recepcionistas, e dizendo poesias, cantando, tocando vários instrumentos de música; colaborando na passagem de filmes e de slides; adultos a concederem entrevistas e, a sendo eles próprios entrevistadores noutras ocasiões, participando no Coro, estabelecendo contactos com os visitantes, etc.



Lisboa (Ig. Central) — Solo de Quim Furtado

Pois foi tudo muito bem e, sobretudo, com muita boa vontade.

Desejamos destacar sobretudo a noite inaugural no já referido domingo 24 de Março, a Noite da Família na sexta feira dia 1 de Março, a Noite da Juventude no domingo, 3 de Março, a Noite da Saúde — com a participação do Irmão Dr. Sacramento, e a Noite das Crianças na sexta feira 15 de Março; não esquecendo a, de certo modo, inolvidável, noite de encerramento em que, pela primeira e única vez no decurso destas reuniões, tivemos de franquear a galeria aos assistentes.

Pensamos que Acção-74 no Porto deu a possibilidade à Igreja de viver alguns momentos muito agradáveis do ponto de vista espiritual contribuindo para a felicidade de cada um e que permitiu também um maior e melhor contacto com algumas almas que estavam dando os primeiros passos na Mensagem e com outras — embora muito poucas — que os deram durante a Campanha Acção-74. O Senhor abençoará todos os esforços feitos.

José M. Matos



Pastor José Júlio Pires

Aguardando a Ressurreição

No dia 11 de Abril, após alguns breves dias de doença e hospitalização, faleceu o Pastor José Júlio Pires, que desde 1964 pastoreava a igreja da Amadora.

Nascido em 1910, cedo se dedicou ao trabalho do Senhor, primeiro como colportor, a partir

de 1928, e depois como evangelista, a partir de 1941.

Várias igrejas beneficiaram do seu dedicado ministério — Nisa, Setúbal, Faro, Porto, Alvalade, Beja, Tomar, e, finalmente, Amadora.

O seu espírito de consagração, a maneira como sabia tratar as pessoas e levá-las a Cristo, a sua prontidão em prestar auxílio sempre que se apresentava o ensejo, a sua disposição animosa e alegre no meio dos sofrimentos que o afligiam — tudo contribuiu para fazer da sua vida e ministério uma inspiração.

No funeral, em que, a pedido da Família, dirigiu a palavra, tanto na casa mortuária como no cemitério, o Pastor António Baião, estiveram presentes numerosos colegas no ministério, assim como membros de igreja e amigos, vindos não só da Amadora, mas das diferentes igrejas por onde o saudoso pastor tinha passado.

A sua Esposa, Filhos e Netinhos lembramos as confortadoras palavras da Escritura: «O justo até na sua morte tem esperança». Prov. 14:32.

F.

CURSO DE VERÃO EM NEWBOLD, INGLATERRA

2 a 21 de Julho de 1974

- Porque não projectar uma visita à Inglaterra este Verão?
- Vinde ao Colégio Adventista de Newbold, a uns quarenta quilómetros de Londres.
- Inscrevei-vos numa das classes de inglês que vos são oferecidas.
- Estão previstas várias excursões através da verde e folclórica Inglaterra.

Custo total, incluindo curso, quarto, comida e excursões: £ 100.

Para mais informações escrevei a:

**Dr. A. J. Woodfield, Summer School
Director,
Newbold College
Bracknell, Berks. Rg 12 5 An
England**

CURSO DE VERÃO EM COLLONGES, FRANÇA

23 de Junho a 2 de Agosto de 1974

- Cursos quotidianos de língua e de literatura francesas, a quatro níveis diferentes, desde principiantes a estudantes avançados.
- Cada semana uma grande excursão pelos lagos e montanhas dos Alpes franceses, suíços e italianos.
- Uma classe especial, com meios audiovisuais, para crianças dos 7 aos 11 anos.

Custo total, incluindo curso, quarto, comida e excursões: 1600 f. f.

Para mais informações escrever a:

**R. Villeneuve
École de Français Moderne
Séminaire Adventiste
Collonges-sous-Salève
74160 St. Julien en Genevois
France**

«Sabe porém isto...»

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 4)

já não em pequenas parcelas, mas no seu todo, ao diminuírem assustadoramente as reservas de alimentos, pensando já as autoridades mundiais, na criação de um Banco Mundial de Alimentação.

Segundo peritos da Fundação Rockefeller, problemas meteorológicos e outros derivados da actual crise petrolífera, ameaçam de morte pela fome em 1974, nada menos de 20 milhões de pessoas.

É o espectro da poluição que sob as mais diversas formas ameaça a vida humana.

De acordo com os técnicos, os oceanos encontram-se de tal maneira poluídos que já ultrapassaram a sua capacidade de auto-regeneração.

É ainda o espectro do crime organizado, ou não.

E tantos outros, que fazem com que as pessoas se perguntem como e onde isto terminará.

A resposta a essa pergunta, deu-a o próprio Jesus:

«Ora quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima... quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto» (7).

Aqui está a resposta!

Breve Jesus vai voltar. E vai pôr fim a esta confusa e insegura forma de viver.

E em continuação acrescentou:

«Em verdade vos digo que não passará esta geração, até que tudo aconteça» (8).

A geração a que Jesus se refere é a que contempla e vive essas condições. Essa geração verá Jesus voltar. E nós, somos essa geração.

Para que não ficassem dúvidas no espírito de qualquer pessoas, eis que Cristo afirma ainda:

«Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras, não hão-de passar» (9).

As afirmações humanas são falíveis; carecem de autoridade. Mas se as afirmações feitas pela boca d'Aquele que «Se lembra perpetuamente do Seu concerto, da palavra que mandou, até milhares de gerações» (10) essa não falhará.

Já Balaão sob influência do Espírito Santo dissera:

«Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa.

Porventura diria Ele e não o faria? ou falaria e não o confirmaria?» (11).

Mais tarde Salomão ao abençoar o povo e recordando as bênçãos de Deus sobre ele, disse:

«Bendito seja o Senhor que deu repouso ao Seu povo Israel segundo tudo o que disse; nem uma só palavra caiu de todas as Suas bocas palavras que falou pelo ministério de Moisés Seu servo» (12).

Assim de igual forma esta afirmação de Jesus, não deixará de se cumprir.

Paulo consciente desta verdade afirmou igualmente que «... o Senhor executará a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a» (13).

Somos nós na realidade a geração final. Aqueles, nos dias de quem Jesus virá.

Vivemos em tempos trabalhosos, não há dúvida. Jesus sabia-o e por isso anunciou-o. Porém, ao falar disso, o maior perigo que Jesus viu, não foi o dos problemas da vida, mas sim o de perdermos de vista o essencial e nos deixarmos envolver, enredar, pela velocidade e sugestões do dia-a-dia. Daí o Seu aviso:

«Olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem... dos cuidados da vida e venha sobre vós de improviso aquele dia» (14).

É aqui que está o perigo. Não nos tempos trabalhosos: mas sim em que enfronhandos-nos nos cuidados da vida, não notemos que eles são um anúncio da breve, da iminente, volta de Jesus, e em vez de se tornarem em motivo de esperança, venham a ser para nós, angústia e aflição.

«Nos últimos dias, sobrevirão tempos trabalhosos» (15). Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de... estar de pé diante do Filho do Homem» (16).

Bibliografia:

- 1) II Tim. 3:1
- 2) «A angústia do tempo presente e os deveres do espírito» pág. 120
- 3) «O Século» 31-1-74
- 4) Revista «Tendências económicas»
- 5) II Tim. 3:2-5
- 6) Luc. 21:25, 26
- 7) Luc. 21:28, 31
- 8) Luc. 21:32
- 9) Luc. 21:33
- 10) Sal. 105:8
- 11) Núm. 23:19
- 12) I Reis 8:56
- 13) Rom. 9:28
- 14) Luc. 21:34
- 15) II Tim. 3:1
- 16) Luc. 21:36

O USO DO VÉU

(Continuação da pág. 11)

família, as esposas devem adaptar-se a seus maridos, os filhos devem ser responsáveis perante os seus pais e honrá-los» (1).

Em todo o caso, esta submissão da esposa ao marido só pode ser interpretada em termos de «integração numa ordem», de «ocupação do lugar que lhe compete» no plano de Deus. Se por submissão se entende algo que se possa comparar à sujeição de um escravo em presença dum tirano, nada há de mais alheio à mensagem de Paulo (2).

É por isso que o apóstolo, em contrapartida, salienta a atitude que deve assumir o marido — não procurando dominar a esposa arbitrariamente, mas sim amá-la com afecto: «Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e a Si mesmo Se entregou por ela... Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos» (Efés. 5:25, 28).

A este propósito escreveu E. G. White: «Quando os maridos reclamam completa sujeição de suas esposas, declarando que a mulher não tem voz activa ou vontade na família, mas deve mostrar inteira submissão, estão colocando suas esposas numa posição contrária à Escritura. Não foi desígnio de Deus que os maridos dominassem como cabeças do lar, quando eles próprios não se submetem a Cristo. Devem estar sob o domínio de Cristo, para que possam representar a relação de Cristo para com a Sua igreja. Se o marido é grosseiro, rude, arrebatado, egoísta, ríspido e opressor, não diga jamais que o marido é a cabeça da esposa, e que ela deve em tudo ser-lhe sujeita... Sua individualidade de esposa não pode ser submersa na do marido, pois ela é propriedade de Cristo. É um erro imaginar que com cega devoção deve ela fazer tudo exactamente como seu marido manda, quando ela sabe que assim procedendo atrairia dano sobre o seu corpo e espírito, que foram resgatados da escravidão de Satanás. Existe Um que avulta mais aos olhos da esposa do que o marido: é seu Redentor, e sua submissão ao marido deve estar na base da indicação de Deus: 'Como ao Senhor'» (3).

(1) *Dateline Religion*, de 26 de Junho de 1973.

(2) J. J. von Allmen, *Maris et Femmes d'après Saint Paul, Cahiers Théologiques*, 29, Neuchâtel-Paris, Delachaux et Niestlé, 1951, pág. 34, 35.

(3) E. G. White, *O Lar Adventista*, pág. 116, 117.

3. A mensagem de Paulo para hoje é, liberta dos condicionalismos impostos pelo tempo e o lugar, a mesma que ele tinha para a igreja de Corinto — a necessidade de ordem e reverência no culto. E, na realidade, hoje as igrejas carecem de uma autêntica reforma neste sentido. Por vezes, os risos, as conversas (nem sempre edificantes e não raro entretidas por senhoras com a cabeça coberta), as idas e vindas desnecessárias, as atitudes descuidadas, o próprio vestuário imodesto, desleixado ou inspirado em modas discutíveis, constituem uma profanação do lugar santo e um escândalo para os que nos visitam.

Como vemos, os tempos mudam, as expressões de ordem e reverência são diferentes, mas a necessidade de advertência é sempre a mesma porque a natureza humana permanece inalterável, com as suas falhas e fraquezas.

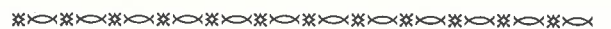
Quer isto dizer que as senhoras não devem cobrir a cabeça na igreja? De modo nenhum. É com saudade que recordamos os cultos de Sábado em que as nossas irmãs se apresentavam, tão discreta e ao mesmo tempo tão distintamente, com os seus chapéus, véus ou mantilhas. Mas os tempos mudaram, os gostos evoluíram, e a verdade é que hoje dificilmente se encontra à venda um chapéu de senhora.

As irmãs, que assim preferam, cubram pois a cabeça no culto, mas não censurem, como se estivessem pecando, as que o não fazem. O essencial é que, umas e outras, cultivem a máxima ordem e reverência na casa do Senhor!

Para concluir, seja-nos permitido lembrar o oportuno conselho augustiniano: «In certis fides, in dubiis libertas, in omnibus charitas», assim parafraseado por Lutero: «Nas coisas necessárias, unidade; nas coisas não necessárias, liberdade; em todas as coisas, caridade.»



Muitos tentam desculpar o seu temperamento à flor da pele, que reage violentamente às irritações pessoais. Uma dessas senhoras disse, sorridente, a Moody: «O senhor sabe, tenho um temperamento instantâneo. Incendeio-me à menor contrariedade, mas num instante tudo passou.» Moody respondeu calmamente: «Sim, assim é a metralhadora, mas que destruição ela ocasiona!»





Breves notícias da Divisão Euro-Africana

★ Siegried Küsel, após 25 anos de trabalho na Alemanha, aceitou um chamado para trabalhar na União da Etiópia como Secretário do Departamento de Publicações.

★ Preparam-se planos para uma celebração especial do centenário da chegada de J. N. Andrews à Europa em 1874.

★ Foi designada na Divisão Euro-Africana uma comissão de educação directamente dependente do Conselho Universitário (*Board of Regents*) da Conferência Geral. A sua principal função será de manter e supervisionar as normas da educação adventista nas muitas escolas que fazem parte do nosso campo.

★ As quatro escolas de igreja em Espanha inscreveram este ano 303 alunos que são instruídos por 13 professores.

★ Foi aberta ao público uma nova igreja, com lugares para 180 pessoas, em Sabadell, na província espanhola da Catalunha.

★ O Seminário de Bogenhofen, na Áustria, dedicou um dia por semana para os estudantes poderem realizar colportagem-evangélica de porta a porta.

★ A Federação da França do Norte teve no passado alguns obstáculos financeiros no que respeita ao plano de construção de novos templos. Mas agora uma nova perspectiva está perante os seus olhos:

1. Os membros da Igreja de Champigny-sur-Marne compraram um terreno para a construção de uma nova casa de culto.

2. Foi vendida uma casa que a Federação possuía em Roubaix e os fundos recebidos permitirão a construção de uma igreja em Englefontaine.

3. Alugou-se uma loja em Fontainebleau e vai proceder-se à sua adaptação para lugar de culto.

★ Reuniões públicas sobre «A Arqueologia e a Bíblia» têm atraído grandes audiências em Annecy e Lião. Uma média de 250 pessoas assistiram em Annecy, onde as conferências tiveram lugar num belo auditório de mais de 400 lugares. Na cidade de Lião houve uma assistência de 540 pessoas, 36 das quais estiverem presentes no primeiro seminário de Bíblia, realizado no Sábado seguinte. Nessa tarde de 2 de Março havia 59 pessoas que seguiam com muito interesse a apresentação do tema «A Imortalidade da Alma».

★ Uma revista africana não periódica vai ser lançada nos prepos da União Africana Equatorial e aparecerá de duas a quatro vezes por ano. O seu conteúdo será assuntos de saúde, educação e religião. O director é Aimé Cosendai.

★ O trabalho que está sendo feito com a tenda em Palermo, na Itália, foi agora transferido para Igreja, a algumas centenas de metros do local onde ela estava erigida. É S. Cortesi quem vai continuar a campanha de evangelização, que também foi o tradutor de A. Schmidt nas últimas séries de conferências.

★ Três bem conhecidos obreiros italianos atingiram a idade da aposentação. São eles: Silo Agnello, presidente da Federação Italiana durante sete anos; Mário Vicentelli, que foi Secretário-Tesoureiro durante dezasseis anos; e Riccardo Bongini, também presidente de Missão durante vários anos. Certamente que se irá sentir muito a falta destes homens, mas eles continuarão a ser uma fonte de inspiração e conselho para os obreiros mais novos.

★ Edouard Naenny, secretário de Publicações da Divisão, preparou uma interessante montagem audio-visual que se destina a programas de recrutamento de novos colportores evangelistas na Alemanha e na França.